



**II Congresso Internacional
sobre
Património Industrial**

2014
22 - 24 Maio

**PATRIMÓNIO, MUSEUS E TURISMO INDUSTRIAL:
UMA OPORTUNIDADE PARA O SÉCULO XXI**

RECONVERSÃO DO ESPAÇO E EDIFÍCIOS DA FÁBRICA ROBINSON, PORTALEGRE - PORTUGAL

RECONVERSION OF THE ROBINSON FACTORY'S SPACE AND BUILDINGS IN PORTALEGRE - PORTUGAL

Eduardo Souto de Moura, Graça Correia
Faculdade de Arquitectura do Porto

RESUMO

A deslocação da Fábrica da Cortiça Robinson para a Zona Industrial de Portalegre veio criar um vazio de cerca de 65.000m², situado numa importante área de desenvolvimento metropolitano da cidade, incluindo uma significativa área construída, integrada maioritariamente por hangares, armazéns e oficinas. O programa de reconversão, para além de recuperar a ligação histórica à cidade, propõe redefinir as funções dos diversos edifícios para receberem os programas de que a cidade necessita, incluindo a criação e um polo cultural habitado pelas estruturas e grupos culturais da cidade, em convivência com os espaços museológicos que permitem ler a história e atividade fabril.

Palavras-chave: Reconversão, Património, Memória, Cidade.

ABSTRACT

The removal of the Robinson Cork Factory to the *Portalegre* Industrial Complex has freed up some 65,000m² of land on a major development area of the city, also a significant built-up area, consisting mainly, of sheds, warehouses and workshops. The reconversion program, besides recovering the historic connection with the city, proposes to redefine the functions of the many buildings in order to receive the programs that the city needs, including the creation of a cultural centre inhabited by the city's cultural groups and structures, in co-living with the musicological spaces that allow the reading of the history and factory activity.

Keywords: Reconversion, Heritage, Memory, City.

PLANO DE REQUALIFICAÇÃO URBANA

A deslocação da Fábrica da Cortiça George Robinson para o novo Polo Industrial de Portalegre virá a desalojar cerca de 7 hectares de terreno situado numa importante área de desenvolvimento da cidade e ainda uma significativa área construída, constituída na sua maioria por hangares, armazéns e oficinas, para além do edifício principal que define a grande frente do Largo dos Operários. Inserida numa complexa iniciativa para travar a dispersão da sua periferia, a edilidade de Portalegre empreendeu, juntamente com os parceiros constituintes da Fundação Robinson, um programa de reabilitação das instalações da antiga fábrica o que, para além de recuperar a sua ligação histórica à cidade, propõe redefinir as funções dos diversos edifícios que constituíam as suas instalações, aproveitando assim esta grande superfície de construção existente para receber os equipamentos de que a cidade necessita. Apesar da aparência obsoleta da sua área ocupada quase aleatoriamente por toda a espécie de armazéns e edifícios fabris, já que é resultante de uma invasão, por etapas, do espaço e respetiva articulação, a Robinson foi no entanto, testemunho e ao mesmo tempo motor do desenvolvimento industrial, social e corporativo que teve lugar em Portalegre desde 1800. Este aspeto é interessante, já que interessa não só a parte estética, mas também o contexto histórico; neste sentido entende-se que a fábrica Robinson ocupa não só um lugar histórico ou de natureza potencialmente artística, mas também político-industrial e sociologicamente reconhecido como no futuro poderá ser uma âncora no desenho urbano de Portalegre. Aliás numa rápida análise se verificará com facilidade que atualmente, na Europa, 70% dos projetos de desenvolvimento das cidades se apoiam em recuperações do edificado existente.

Conservar a memória histórica através do seu património construído é alimentar os sinais de identidade de uma cidade que não quer ver anulado o seu papel no panorama do país; mediante a sua adaptação a novos usos, os edifícios 'contentores' do passado configuram novos cenários numa velha cidade que se quer aberta ao futuro.

"Património é um conjunto de bens que alguém recebe por herança ou transmissão [...] Em arquitectura, o importante é entender o património arquitectónico como um legado cuja reabilitação garantirá a consciência

histórica que um conjunto social tem do ambiente espacial que o rodeia, desta consciência depende a capacidade do homem para ordenar o espaço construído no futuro.” (Piñon, 2000:243)

Hoje em dia, no entanto, a noção de património estendeu-se largamente desde os achados pré-históricos até aos edifícios do séc. XX, incluindo as ambiências de valor histórico e ambiental desde a arquitetura vernácula até à arquitetura industrial, mais ou menos erudita. Assim, torna-se necessário intervir nos traçados legados pelo património industrial, como estruturas utilitárias deste século. Esta ideia está imersa num processo de renovação que segue a tendência de recuperação de espaços industriais generalizada na Europa (e mesmo nos Estados Unidos) nos últimos anos.

PLANO PARA A ÁREA DA ANTIGA FÁBRICA ROBINSON

O Plano de Requalificação e de desenvolvimento refere-se a uma área de cerca de 7,0 ha, ocupada atualmente pelas instalações da Fábrica de cortiça George Robinson e é limitada pela própria cidade que no seu crescimento urbano acabou por envolver. Este envolvimento será essencial na definição das premissas do plano; será a criação de unidades de carácter urbano protagonizadas pela abertura de um novo arruamento e pela introdução de elementos como praças, passeios e equipamentos que permitirá a articulação entre os edifícios da Robinson com o tecido urbano existente, ambos dotados de forte identidade. É ainda fundamental, a consideração dada ao facto da cidade estar a crescer de forma algo descaracterizada a nascente, precisamente o sentido deste arruamento que se pretende estruturante, de nascente a poente. Esta orientação permitirá ainda organizar sítios quer a norte quer a sul, o que é importante numa cidade de amplitudes térmicas da dimensão das de Portalegre.



Fig. 1 - Eixo estruturante de ligação dos dois polos de crescimento da cidade.

CONCEITO / ESTRATÉGIA

A estratégia para recuperar a zona como espaço público fundamenta-se no estabelecimento de vínculos entre estes edifícios e a cidade, bem como entre as diferentes escalas e momentos de intervenção tentando para isso conferir-lhes carácter urbano numa atitude precedente à instalação dos novos usos para os edifícios abandonados. Pretende-se deste modo estabelecer uma relação permeável com o meio envolvente e urbano, definindo as transparências existentes ou postas em evidência pelas demolições propostas e revelando a lógica interna do conjunto para implantar nele uma configuração contemporânea em diálogo com as atividades que receberá. Este conjunto heterogéneo de naves, oficinas e depósitos terá na frente urbana para o Largo dos Operários, o seu elemento de articulação à cidade, protagonizado fisicamente pelo rasgamento na fachada da abertura da rua. Os espaços livres agora desenhados constituirão um importante elemento a reestruturar numa ideia de cidade em que os edifícios e o vazio que os envolve se completam. Neste primeiro gesto do plano ficará, portanto, estabelecido um modelo de ocupação destinado a garantir a sobrevivência da implantação original em coabitação com as sucessivas e necessárias ampliações que se irão levar a cabo, partindo de um princípio aditivo que ordena todo o conjunto industrial formado pelos edifícios já dispostos ao longo de uma espécie de caminho, configurando agora

uma nova relação com a envolvente mediante o seu cuidado desenho e a implantação estratégica do novo edifício da Escola de Hotelaria que contribuirá para a definição clara de uma rua entendida na sua forma urbana.

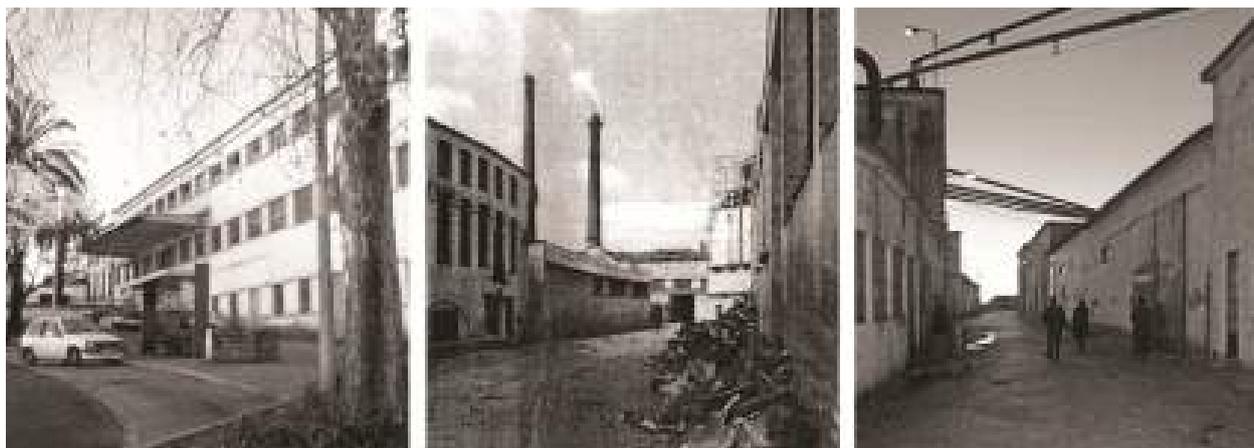


Fig. 2 - O percurso enunciado.

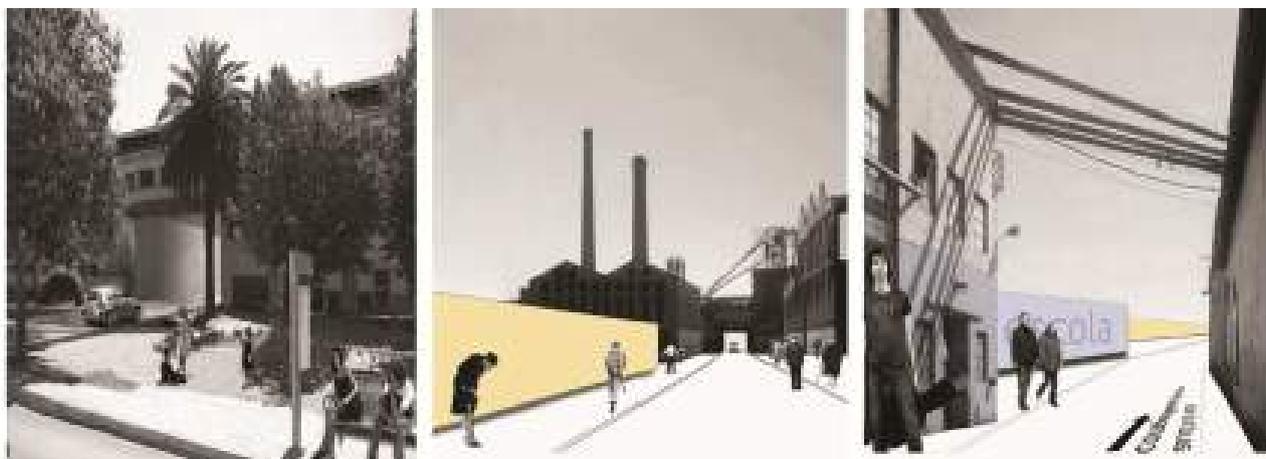


Fig. 3 - O percurso que articula o Espaço Robinson e a cidade.

Cada uma das peças adquirirá então sentido na sua relação com as restantes, formando um conjunto de edifícios em cuja articulação e cadência se confiará a urbanidade graças a elementos como rampas, passeios e praças. Se volumetricamente o novo se conjuga com o existente, a sua materialização atual pretende expor-se manifestamente. Um embasamento proposto de reboco em tom azul corre o conjunto libertando a cal branca dos restantes pisos, alternando com o amarelo ocre à semelhança do já existente no local.



Fig. 4 - Perfil da nova rua.

Como sucede em qualquer lugar de carácter público, o projeto parte da consideração de um espaço como uma envolvente que os usuários reconfiguram constantemente, um lugar de encontros, com liberdade de uso que se metamorfoseia dependendo da atividade dos seus participantes. Este espaço converte-se, assim, num lugar único, que se abre a todo o tipo de iniciativas culturais e artísticas, de passeio para visitantes e de estar para criadores do qual ambos partilham e participam num debate aberto.

NOVAS VALÊNCIAS

Um Plano de Requalificação Urbana, ainda que dirigido a uma zona limitada da cidade, não pode ser entendido de forma autista em relação ao seu todo; deve no mínimo, ser capaz de:

- Clarificar as ligações do Centro (entendendo já a Robinson como área central) com a cidade em ex-

pansão, estruturando desta forma a cidade para o futuro, valorizando a sua caracterização urbana.

- Corrigir as situações críticas e revalorizar recursos e potencialidades inerentes, até pela proximidade a Espanha, enriquecendo também desta forma a animação urbano-turística.

- Recuperação dos valores arquitetónicos da paisagem urbana existente, integrando-os num projeto urbano de referência, associado a novas vias, habitação e equipamentos, reestruturação de praças e à melhoria da qualidade de vida.

- Integração das diversas vias com os espaços públicos existentes e propostos.

No sentido de enquadrar e entender as perspetivas corretas de transformação e sobretudo porque a nossa estratégia de atuação na Zona da Robinson é precisamente torná-la elemento estruturante da cidade, foi necessário fazer uma análise mais abrangente, quer no tempo, quer na escala de intervenção. Não nos preocupa o problema do centro histórico, mas o problema dos fragmentos e partes de cidade nova que, sem qualidade urbana, por razões diversas, participam como sistema urbano ou, simplesmente, como realidade integrável nesta nova cidade fortemente descaracterizada. Um Plano desta natureza deve ter no mínimo duas qualidades essenciais: sentido e consistência. O sentido tem a ver com a orientação da sua incidência na realidade – geográfica, cultural, histórica, – e a consistência depende da capacidade da sua estrutura constitutiva para resolver os requisitos que impõe a sua funcionalidade física e económica.

A nossa postura nega a rutura com o passado; o projeto de um espaço público cruza temáticas diferentes, reporta a uma totalidade – a cidade - e à diversidade quer dos seus quarteirões, quer dos seus fragmentos. É nossa intenção dar corpo a este lugar, com arquiteturas que lhe confirmam carácter, com espaços, fechados e aberturas. Ao nível do solo, cruzar a memória coletiva com os novos elementos, modernos e representativos culturalmente e cruzar ainda o uso coletivo com o individual.

“Olhar a cidade é um prazer particular, por mais banal que seja o que se vê. Como um bocado de arquitectura, a cidade é uma construção no espaço, mas numa escala muito vasta, e são necessários longos períodos de tempo para a compreender. A composição urbana é, pois, uma arte que usa o tempo, mas é raro que, aí, se possa recorrer às sequências controladas e limitadas, ao contrário de outras artes baseadas no tempo, como a música. Conforme as circunstâncias e as pessoas, as sequências são invertidas, interrompidas, abandonadas, abreviadas: a cidade vê-se sob todas as iluminações, por todos os tempos.” (Lynch, 1999:11)

283

Revelam-se, desta forma, de tão difícil desenho, e torna-se tão difícil colher aceitação unânime e pacífica de imediato. As grandes intervenções são normalmente, numa primeira abordagem, polémicas.

Sendo Portalegre uma cidade de meia encosta, são possíveis leituras muito variadas, desde os enfiamentos sobre o Castelo, percorrendo entre árvores a estrada de Monforte, até ao domínio dos diversos pontos de cota alta que a rodeiam, ela vai aparecendo, numa perspetiva variável para quem, vindo de Alpalhão, vai contornando a serra da Penha. No entanto, são as chaminés da Fábrica Robinson que, desde o século XIX exercem a principal referência visual da cidade; com o objetivo de promover a continuidade e abertura físicas entre a cidade tradicional, a cidade contemporânea e o património industrial que agora lhes pertence, considerou-se na estratégia de implantação dos novos edifícios e o recurso a este elemento iconográfico desde sempre presente na sua memória comum – a silhueta das chaminés que se destaca no perfil de Portalegre. Se a memória da fábrica foi renovada ao tempo do Estado Novo, as chaminés, emergindo desde sempre no maciço construído, são indissolúveis da sua imagem, justificando assim o recurso a este signo simbolicamente tão representativo.

Esta nossa proposta inserida num contexto de definição de novas valências para a área de intervenção e envolvente, assume esse risco ao pretender corrigir a situação crítica de desordem no crescimento urbano atual de Portalegre, revalorizando os seus recursos e potencialidades pela consolidação da referida ligação ao centro histórico e rentabilização dessa mesma estratégia.

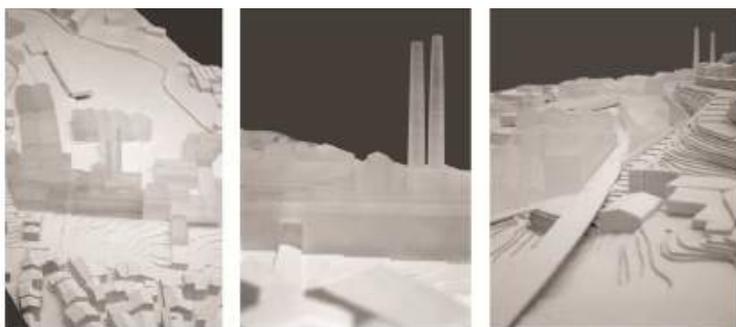


Fig. 5 - O espaço público estabelece-se no vínculo entre os edifícios e a cidade.

PROGRAMAS

A intervenção deverá ser subtil de forma a potenciar as qualidades morfológicas intrínsecas a este lugar sem dissimular a sua identidade, enfatizando a expressividade de um espaço cuja singularidade remete a muitas das suas características industriais.

Será necessário suprimir certas adições recentes para revelar a sua forma original – reforçar o sentido de ambiguidade entre o carácter urbano do alçado inicial e as componentes físicas que introduzem a ideia de indústria pesada, mantendo-se intactos elementos como máquinas, caldeiras, chaminés, quadros eléctricos, tubagens, filtros, etc. Os diferentes edifícios foram-se construindo uns a seguir aos outros, contribuindo para uma noção de conjunto, de diversidade temporal e histórica, mas sobretudo de um surpreendente efeito urbanístico, que se pretende realçar. Tomando-se este como ponto de partida, não só de uma perspectiva arquitectónica e urbanística, mas no sentido literal, físico, aproveitando as melhores características das suas relações já implicitamente estabelecidas, agora tornadas explícitas. Um complexo fabril cujos espaços estão reunidos em torno de processos industriais dinâmicos que se pretendem ler; neste complexo desenho podem coexistir agrupamentos espaciais diferentes, diversos pontos de vista dependendo do percurso que se efectue pelo conjunto.

Desta impressão de soma de lugares de forte carácter, dentro de uma instituição aberta à cidade, será no entanto necessário desenvolver demolições pontuais e estratégicas bem como novas construções, essas estruturas aumentarão e serão, por sua vez condicionadas por novas entidades espaciais e por novas experiências. Por outro lado, o conjunto permite uma certa caracterização de autonomia volumétrica de cada um dos programas quando eles têm essa natureza e seu respetivo uso. Ao usuário está destinada a tarefa de conferir unidade ao conjunto, ao percorrê-lo e identificar-se com a sua estrutura.

No entanto, aquele que nos parece ser o argumento fundamental da estratégia para a definição de premissas para a recuperação dos edifícios e sua adaptação a estes programas é, sem dúvida, o da sua convivência numa espécie de condomínio onde, por motivos de sustentabilidade económica, manutenção e sobrevivência das atividades, se partilham programas comuns, como são arrecadações, auditórios, estacionamento etc. A necessária análise abrangente, quer na escala de intervenção como no tempo que o plano de reabilitação propôs, e que nem sempre coincide com as vontades de resultados imediatos a que os tempos contemporâneos nos têm habituado, aliado à crise económica em que nos encontramos, têm-se demonstrado desafios consideráveis a um projeto que atualmente se encontra cerca de 30% construído, em modo de espera.



Fig. 6 - Planta geral com indicação dos programas propostos.

Dos programas já construídos e em funcionamento encontramos a Escola de Hotelaria e o Estacionamento; programas construídos mas por motivos político/económicos ainda encerrados encontramos o Auditório para Audiovisual, o Auditório e o ICT-VR; estando apenas em fase de desenho e a aguardar o início das obras o Museu dos Bombeiros, o Museu da Cortiça, as Associações de Cultura, os espaços comerciais e todos os arranjos exteriores (passeios, iluminação, áreas verdes etc.) bem como a recuperação das estruturas existentes um pouco por todo a

área e que permitirão a leitura da sua história e actividade fabril. Estes equipamentos ou características de relevo patrimonial e histórico foram estudadas - efectuou-se o levantamento para posterior catalogação que, inclusivamente, operaram várias vezes como fonte de inspiração para as novas estruturas.



Fig. 7 - Desenhos de levantamento e desenhos inspirados nos elementos existentes.

ESCOLA DE HOTELARIA E TURISMO

Um edifício de raiz que contribui para a definição do arruamento nascente poente que se pretende seja o eixo ordenador de todo o Espaço. O volume pendura-se literalmente sobre a paisagem mais distante da cidade, aproveitando o grande desnível natural do terreno, numa relação menos física e de maior contemplação. Formalmente, o edifício pretende ser uma caixa pousada sobre o talude existente definindo uma grande esplanada a sul para onde se voltam os principais espaços da escola – salas de aula, biblioteca, sala de convívio, restaurante e bar. Esta caixa, a norte, será estrategicamente fechada dada a sua relação tão franca com a rua, configurando dois corpos totalmente fechados, iluminados e ventilados zenitalmente, que se distinguem pelas suas cores de tradição alentejana – o azul anilado e o ocre.



Fig. 8 - Escola de Hotelaria de Portalegre.

ESTACIONAMENTO

Foi adaptado o Armazém de Produtos Acabados da antiga Fábrica Robinson para as instalações dom Parque de Estacionamento.

Dentro do conceito subjacente à estratégia do Plano, esta localização é fundamental; a sua relação franca e direta com a rua é reforçada pela clareza da relação que estabelece com todos os equipamentos da zona, deste modo não é necessária a construção de uma estrutura de raiz com elevados custos tendo esta as vantagens de oferecer uma ampla e arejada estrutura que para além do mais é iluminada e ventilada naturalmente. Dada a sua proximidade à Escola de Hotelaria e às outras unidades de ensino, onde se prevê uma grande população jovem, esta estrutura foi também dotada para a realização de eventos quer sejam concertos ou mesmo festas populares, que têm vindo a ocorrer.

Foram mantidos vários equipamentos e máquinas no sentido de não desvirtuar a perceção da prévia função e atividade deste edifício que se pretende conte a sua história aos visitantes, que o vão descobrindo. Será mantida a configuração original das coberturas em abobadadas. O pavimento será no tradicional cubo de granito. Nas

fachadas manter-se-á a configuração existente e muito marcante do preenchimento dos grandes vãos com tijolo maciço, com alternância de cheios e vazios definindo um interessante sombreamento no interior.



Fig. 9 - Estacionamento de Portalegre - antes e depois.

CENTRO DE REALIDADE VIRTUAL (ICT-VR) E AUDITÓRIO

O ICT-VR ocupa um corpo autónomo, correspondente às Tulhas de Aglomerado Branco, em convivência com o Auditório de apoio às atividades musicais e que fica rematado a poente por uma nova construção onde funcionará o Auditório para Audiovisual. A proximidade da grande praça que articula a Escola com estes edifícios e a relação de todos estes com a rua e o estacionamento vem estimular e garantir os objetivos do Plano. Manteve-se a configuração das coberturas originais bem como as configurações das caleiras, algerozes e tubos de queda, todos refeitos com o mesmo pormenor existente. Uma vez que a estrutura de asnas de madeira ruiu ainda antes do início das obras, surgiu a necessidade de executar totalmente de novo a estrutura, de acordo também com o pormenor existente. Relativamente às caixilharias, embora os vãos tenham sido redimensionados, estas foram todas refeitas de acordo com os pormenores originais, e por questões que se prendem com o comportamento térmico do edifício, foram adicionados novos caixilhos, pelo interior.

286

Na adaptação da primeira das naves de Tulhas de Aglomerado Branco a Auditório, tirou-se partido da sua posição de gaveto para introduzir os dois acessos necessários às diferentes cotas resultantes da pendente do auditório, desta forma, a entrada poderá também ser feita lateralmente, junto ao acesso ao Auditório para Audiovisual e ao nível da Praça e Foyer exteriores.



Fig. 10 - ICT-VR e Auditório - antes e depois.

AUDITÓRIO PARA AUDIOVISUAL

Construído de raiz, cumpre a dupla função de rematar o conjunto edificado em adaptação, criando simultaneamente uma referência no trajeto da rua e fundamentalmente junto ao alargamento em frente à Escola Superior de Hotelaria, a cuja implantação se adequa. Trata-se de um edifício com um sistema construtivo e uma imagem que remete para a configuração das várias *máquinas metálicas* - autênticas esculturas, que pontuam o conjunto fabril. Tal como nestas, as infraestruturas e condutas encontram-se aparentes e fazem parte da composição dos alçados. O auditório fica assim elevado, gerando sob o seu corpo uma espécie de Foyer exterior coberto em que o acesso ao interior é feito por uma escada metálica, sendo garantido o dos deficientes, por uma plataforma elevatória na escada posterior. O Auditório para Audiovisual pretende ser um equipamento essencialmente de apoio

à Escola Superior de Hotelaria funcionando em estreita convivência com o outro Auditório.



Fig. 11 - Auditório para Audiovisual - sistema construtivo e imagem que remete para a configuração das várias máquinas metálicas.

A instalação de dois auditórios faz sentido quando dotados de características diferenciadas e com utilizações partilhadas e associados ao Centro de Artes e Espetáculos ali vizinho. Cada um destes dois auditórios está dotado, portanto, de equipamentos e infraestruturas acústicas e técnicas adequadas à sua especificidade.



Fig.12 - Auditório para Audiovisual.

287

MUSEU DA CORTIÇA, MUSEU DOS BOMBEIROS, ASSOCIAÇÕES, E ESPAÇOS COMERCIAIS

A instituição - Fundação Robinson - criou-se com a vocação de ser ao mesmo tempo um espaço de coleção (de memórias, espólio), exposição e educação; o projeto arquitetónico pretende por isso aproximar-se das construções existentes considerando-as como parte substancial desta paisagem explorada e com o objetivo não de criar um museu-objeto, mas um polo de atração social e cultural que acabe por ter a mesma importância à escala territorial que em seu dia teve como centro produtivo. Relativamente ao Museu da cortiça, manter-se-á o carácter original presente num interior dominado por um potente conjunto de elementos, enormes chaminés, as caldeiras ou o conjunto de prensas e todas as infraestruturas visíveis, de carácter escultórico.

A história da Fábrica Robinson está, desde a sua origem, estreitamente ligada à Corporação de Bombeiros Privativos, ativa desde 1993 até aos dias de hoje, inicialmente fundada, em 1899, por George Wheelhouse Robinson, enquanto Associação de Bombeiros de Portalegre. Neste sentido, dotada de um amplo espaço e pé-direito, bem ventilado e iluminado, com excelentes acessos através da nova rua, a área destinada a Museu dos Bombeiros, que atualmente já alberga os carros maiores da Corporação de Bombeiros Privativos de Portalegre é, naturalmente, a ideal.

As associações de Cultura incluem programas como o Conservatório de Música, a Associação Juvenil Verdade, o Museu Comum da Coleção, o Rancho Folclórico, a Banda Euterpe, as Secretarias, o Teatro, o Museu composto pelo conjunto de prensas e fornos, o Bar e a Escola de Ballet.

Apesar do conjunto resultar da associação de uma série de edifícios construídos ao longo do tempo e que se foram anexando chegando a atingir a ideia de um único, é possível uma certa caracterização de autonomia volumétrica para cada um dos programas quando eles têm essa natureza e respetivo uso, partilhando infraestruturas importantes, como é o caso dos auditórios, balneários e espaços de exposição. O conjunto de Prensas e Fornos localizados na parte inferior deste edifício será uma componente fundamental do futuro museu assim como um conjunto de outras máquinas existentes ao longo do edifício, impossíveis de retirar deste contexto sob pena de se retirar dignidade àquilo que neste funciona como um todo, mas que se relacionará com um percurso expositivo. O conjunto edificado escolhido para albergar a área comercial - adega, bar, restaurante, loja de livros e discos, de

produtos manufacturados em cortiça etc. - reúne um grande número de condições favoráveis à sua instalação, com entrada direta do exterior (onde pode funcionar o aprovisionamento), é assim pensado para impulsionar o número de visitantes, e rentabilizar o espaço.



Fig. 13 - Museu da cortiça, Museu dos Bombeiros, Associações, e Espaços Comerciais.

REFERÊNCIAS

LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 1999

PIÑON, Hélio. *Miradas Intensivas*. Barcelona: UPC. Universitat Politecnica de Catalunya, 2000.

CURRÍCULO DOS AUTORES

Eduardo Souto de Moura

Eduardo Souto de Moura (Portugal, 1952), arquitecto pela ESBAP desde 1980. Autor de obras de referência mundial e docente na FAUP e em universidades internacionais. Recebeu inúmeros prémios e distinções nomeadamente o Prémio Pritzker e o Prémio Wolf.

Contacto: geral@soutomoura.pt

288 Graça Correia

(Portugal, 1965) Arquitecta pela FAUP desde 1989. Doutorada pela UPC em 2006. Cria CORREIA/RAGAZZI ARQUITECTOS recebendo diversas distinções e prémios, a nível nacional como internacional. Lecciona desde 1990 em várias universidades. Desde 2000 desenvolvem alguns projectos em co-autoria, nomeadamente a Reabilitação da Área Robinson, publicada e distinguida internacionalmente, pela "*sutil intervención realizada desde la memoria de la maquinaria industrial, (...) configura el tránsito del paisaje industrial al cultural*".

Contacto: correiaragazzi@gmail.com